

# A nossa cultura e biologia estão ameaçadas pela anti-cultura!

VÍTOR LUÍS RODRIGUES

**Além da cultura portuguesa e europeia, a nossa própria biologia está a ser dramaticamente ameaçada pela autêntica “anti-cultura” desenvolvida nas chamadas “sociedades modernas”, como a Etologia provou, consagrada já no último quartel do século XX.**

Ao afirmá-lo, apenas espelhamos as denúncias e preocupações do etólogo Konrad Lorenz num pequeno mas elucidativo livro: “Os 8 pecados Mortais da Civilização”, que foi editado ainda em 1975, creio, pela Moraes, logo a seguir ao fundamental “Sobre a Agressão”, na mesma editora. Uma denúncia oportuna dos erros e das falsas verdades que estão a predominar na Cultura existencial do Ocidente.

Os etólogos denunciaram muitos dos efeitos da nossa degradação civilizacional por obra das “mutações ideológico-culturais” verificadas pela emergência de “ideias” e práticas próprias de uma sociedade exclusivamente consumista, entregue ao puro “prazer hedonista, material e sensual – já!”, assim condenada a desaparecer e a levar-nos para o abismo. Todos os conceitos mais vulgares e “óbvios” em que hoje as “massas” acreditam, todo o “pensamento política e culturalmente correcto” alimentado diariamente pela Comunicação Social não passa de uma ignorância sistematizada e intencionalmente tóxica, na maior parte das situações que enfrentamos....

No “processo anti-cultural em curso”, muito mais dinâmico e imediato nos seus efeitos do que qualquer decadência biológica, uma Cultura que durou centenas/milhares de anos a desenvolver-se pode ser hoje eliminada/substituída no espaço de poucas gerações. Não tendo havido, todavia, nenhuma mutação biológica relevante na

nossa configuração genética e nos tipos e subtipos “raciais” europeus, a “anti-Cultura” agora dominante, pseudo “humanista” e “progressista”, nas suas versões de “esquerda” ou até de “direita”, recusa a nossa herança biocultural – as bases naturais do comportamento – e as raízes das nossas instituições mais básicas em nome de uma “nova consciência universal” abstracta, imaginária, e ameaça destruir a vida, de uma forma objectiva, não só pela alteração arbitraria das respostas aos quadros naturais que configuram a nossa existência com uma “cultura” que não os reconhece, construindo fantasias, mas, desde logo, pela dramática redução da natalidade. E há já quem pretenda abertamente retirar os apoios às famílias numerosas, o que viria a ser um factor de degradação absolutamente político-anti-cultural e anti-biológico, em simultâneo....

Todavia, a “Revolução Silenciosa” de reformulação do entendimento que temos das nossas raízes e da melhor forma de viver em harmonia com elas hoje continua a desenvolver-se, atingindo áreas “críticas” como a Física – com a Física Quântica –, a Astronomia, a Biologia, a própria concepção que temos do Homem e do Universo. Podemos já referir a alteração de alguns paradigmas, antecipar uma espécie de re-espiritualização do Conhecimento e o abandono das “explicações” puramente analíticas, quantitativas e materialistas, próprias de uma Ciência ainda reducionis-



ta, primitiva, em vias de se transformar numa Nova Ciência agora em convergência essencial com os dados mais racionais da Tradição. Entretanto, não foi por acaso que, em 1973, quando da atribuição a Konrad Lorenz do prémio Nobel de Medicina, na especialidade de Fisiologia, se verificaram protestos agressivos em algumas manifestações de rua em Paris e Berlim, organizadas pelos mais virulentos movimentos da extrema-esquerda “antifa”, defensores de um marxismo explícito, e que acusavam Konrad

Lorenz, Nikolas Tinbergen e Karl Von Frish de serem uns “fascistas”! De certo modo, conhecendo bem os seus processos habituais de “ideias” e de acção, esses grupos de activistas neo-marxistas têm alguma “razão”, se lhes traduzirmos o calão. Para eles, de facto, as Leis da Natureza e a Ordem Natural são uns “fascistas” a denunciar e a abater!... E continuam a fazer o seu combate político-“cultural”, na linha de Gramsci – sempre o fizeram, perante a impotência, a ignorância e até a lógica cumplicidade da sociedade

burguesa.

Precisamos hoje de uma “Revolução Conservadora”! E ela terá de ser capaz de vencer a anti-cultura alimentada pelo sistema dominante, quer na sua expressão “politicamente correcta” quer na sua versão mais virulenta e boçal “d’esquerda radical”! Teremos de combater pela nossa Identidade e autonomia, pela renovação das formas de pensar e de agir, política, social e culturalmente, de uma forma que nos permita sobreviver aos desafios. Haverá que fazer o que tem de ser feito! ■